

Arquitetamemória: A representação da cidade na poesia de Waly Salomão

Anísio Assis Filho¹

A literatura é uma arte verbal de ver, representar, ler, enfim de recriação do mundo. Os textos de poesia, através de sua linguagem, possuem o poder de condensação e representação das vivências, experiências, dos sentimentos, das imagens do pessoal e/ou do coletivo. Este estudo analisa o recorte de mundo, da captação de imagens das *paisagens culturais* citadinas na poesia de Waly Salomão.

É certo que não se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve Calvino (1990). Contudo, existe uma ligação entre eles. E dessa *ligação* observa-se, nos textos de Waly Salomão, além dos efeitos da concepção de lírica moderna, traços de um lirismo iniciado no final do século XIX, com autores como Baudelaire (possível de ser intitulado *pai* desta lírica), desde lá em crescente ascensão, as formas de representação e metaforização da cidade e suas nuances distintivas. Efetiva-se também uma nova “sondagem do tempo subjetivo” (Bosi 1994: p. 489), tempo este que se estende à vida social concreta, cujo conceito se afasta e amplia-se da expressão pessoal à coletiva. Portanto, a ligação entre discurso e cidade promove uma recriação de ambos: tanto da arquitetura do material literário, quanto da escrita dos espaços citadinos. Justamente desta recriação que se alimenta a prerrogativa da poética de muitos autores adjetivados pela modernidade, traço constante em poetas do século passado, e da qual não se isenta a poesia de Waly.

Analisar como as memórias dialogam e agem na sua produção, tampouco notar como a metaforização das paisagens culturais e das vivências urbanas estão dissolvidas no seu discurso poético compõem os demais objetivos deste trabalho.

“O poeta escreve porque ele reflete sobre a condição humana, eis o tema eterno do poeta: a reflexão sobre o sentido”, afirmaria, outro poeta baiano, Ruy Espinheira. Esta afirmação direciona para construção de uma poesia consoante com a lírica contemporânea cuja palavra e sentido da vida, do *eu* poético e solitário das cidades, “numa linguagem ora obscura e de fascinante desconcerto, ora misteriosa e enigmática” Friedrich (1991: p.15-6) revela uma memória cultural capaz de redimensionar os espaços que construímos e eternizamos pela paixão, desejo, deslumbramento, horror, fantasia, o que representa, ao

¹ O autor deste texto é professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, lotado no DCHL – Departamento de Ciências Humanas e Letras, Campus de Jequié. E-mail: anisioassisfilho@gmail.com

mesmo tempo, a ratificação e descoberta de objetos e experiências talvez só criados e oferecidos nas cidades, por conta da organização, estratificação, falares, regras, códigos reivindicados exclusivamente ao mundo citadino, em que a “*cidade dura e arreganhada para o sol / como uma posta de carne curtida no sal / museu do inconsciente/ é um prédio mais duro de roer/ mais arreganhado para o sol / mais curtido nas salinas do canal lacrimal.*” (Salomão, 2000: p. 25)

Waly Salomão é colocado por muitos como um poeta “do universo”, “do mundo”. Possuidor de uma poesia sem referenciais de lugar que pudessem prendê-lo a determinada localidade, mas identificado como *homo urbis*, dissolvido nas megalópoles. É um autor que compôs uma poesia rara de lugares, que mesmo sem referenciais exatos, por algumas vezes deixou emergir uma cidade, oscilante entre harmônica e desencantamento, lugar caótico ou de uma possível organização diferenciada da comumente vista na cartografia urbana. Nesta poesia “sem lugar”, o autor jequieense propõe uma imagem outra da cidade, um espaço oferecido em *flashes*, ora resgatados da infância *desterrada* e interiorana, ora captados das *night-clubs* das grandes metrópoles, ora retirados da saída das multidões de torcedores dos grandes estádios de futebol, dos conceitos anônimos expressões em pichações de muros e fachadas de prédios ou de algum outro momento promovido pela vida citadina. O mesmo poeta afirma que “*a memória é uma ilha de edição*” (Salomão, 1996: p.43) e apresenta como são procedidos os *cortes* e *escolhas* para representação das cidades na sua poesia. Uma cidade “feita do movimento incessante de gente e máquinas, do calor dos encontros, da violência dos conflitos” (Rolnik,1995: p.9), mas cercada de um produtivo desequilíbrio que envolve e transforma as pessoas e seus *objetos*, por vezes, só captados pelos olhos do artista, detentor da capacidade de potencializar as misérias citadinas, positiva ou negativamente, porque “As cidades tornaram-se menos reais à medida que se aproximam, ou à medida que a pessoa se aproxima delas.” (Hyde,1989: p.275) ou ainda como analisa Waly:“A rua é rua-rua ou realidade virtual interativa?”.

A cidade é capaz de imprimir relações somente vistas e produzidas nela. E, devido a sua disposição, grandiosidade, excludência, apresenta-se cada vez mais isolante da humanidade que aproxima os homens. Ao contrário do que se espera da cidade, em termos etimológicos, ou seja, aquela que civiliza ou que cria normas de convívio, o que teremos, segundo Waly, no seu poema **Carta Aberta a John Ashbery**, é:

(...) um qualquer
passante diz, em um estilo nonchalant,

e imediatamente apaga a tecla e também
o sentido do que queria dizer.

(...)

A vida não é uma tela e jamais adquire
o significado estrito
que se deseja imprimir nela.

Tampouco é uma estória em que cada minúcia
encerra uma moral.

Ela é recheada de locais de desova, presuntos,
liquidações, queimas de arquivos,
divisões de capturas,
apagamentos de trechos, sumiços de originais,
grupos de extermínios e fotogramas estourados.

Bem verdade, uma proximidade cercada ou balizada pela excelência do olhar e registro lançados sobre a cidade:

A cidade é intrinsecamente o material mais poético dentre todos. Depende de como se a olhe. O predomínio do ponto de vista sobre o material é tipicamente modernista (...). Muito naturalmente, ele [**o poeta moderno**] estabelece domicílio na cidade moderna pluralista. (...) A postura (defensiva, mas arrogante) tornou-se a pose clássica dos escritores modernistas, a discussão com um interlocutor imaginário, mas por isso mesmo extremamente real, converteu-se no próprio modo de existência de muitas obras de arte modernistas. Hyde, 1989: p.276 - Grifos nossos

A mesma postura de expressão será assumida pelo *eu* poético dos textos de Waly. Verborrágico, de falar nervoso, radicalmente eloqüente, *esquizofrênico*, um discurso com o próprio *eu*, marcado de excessivo individualismo, como o próprio homem corrompido pelos vícios e hábitos da cidade. No entanto, um discurso qualificado pela especialidade deste eu-lírico, que se quer hipervalorizado e sabedor de seu exercício, seu tempo e lugar excepcionais:

“sonho o poema de arquitetura ideal
cuja própria nata de cimento encaixa palavra por
palavra,
tornei-me perito em extrair faíscas das britas

e leite das pedras.

acordo.

o prédio, pedra e cal, esvoaça
como um leve papel solto à mercê do vento
e evola-se, cinza de um corpo esvaído
de qualquer sentido.

(...)

sinédoques, catácreses,
metonímias, aliteraões, metáforas, oxímoros
sumidos no sorvedouro.

não deve adiantar grande coisa
permanecer à espreita no topo fantasma
da torre de vigia.

nem a simulação de se afundar no sono.

nem dormir deveras.

pois a questão-chave é:

Sob que máscara retornará o recalçado?

(mas eu figuro meu vulto
caminhando até a escrivaninha
e abrindo o caderno de rascunho
onde já se encontra escrito
que a palavra “recalçado” é um expressão
por demais definida, de sintomatologia cerrada:
assim numa operação de supressão mágica
vou rasurá-la daqui do poema.)”.

No excerto acima, retirado do poema **Fábrica do Poema**, vê-se a colocação, o posicionamento tomado pelo eu-poético, construtor de mundos, definidor da existência desta ou daquela palavra, cuja não-permanência se concretiza como um ato “mágico”, fantástico de supressão. Na mesma direção – de um discurso legitimado pela autoridade, pela especialidade do eu-lírico – pode-se ler o poema **Rua Carioca 1993**, no qual aponta-se, indiretamente, a falta de correspondência do tipo de poeta indicado no texto com o seu tempo e a cidade que quer representar:

Estilo tísico (corte cronológico século 19)
de ser poeta.

Estilo tísico abre a boca e fala de rua
como se pavimentasse
com paralelepípedos
seu gabinete engasgado.
O que estilo tísico pensa ser rua:
rua não é nem rua foi.
Saudades do sapo ou do peixe-boi.
São imagens roubadas de poemas e poetas,
recortes, recopilações, reprises,
amostras grátis,
coágulos sem sangue,
próteses da fantasmagórica Rua do Sabão.

Sem a vitalidade amarelo-estridente
de um cravo de defunto.

O *poeta* apontado pelo *eu-lírico* deste poema é uma projeção já ultrapassada, retirada de antigas representações de um simulacro cidadão: as “*próteses da fantasmagórica Rua do Sabão*”, lugar sem importância ou brilho, na comparação presente no poema, não repete sequer um detalhe que decora o corpo morto – “... *a vitalidade amarelo-estridente/ de um cravo de defunto*”. Acumulam-se, ainda, sobre aquele *poeta* determinantes demonstrativos de sua desqualificação: o “*Estilo tísico*”, fraco, doente, com o “*corte cronológico*”, distante do tempo da rua que nomeia o poema, de falar “*engasgado*” e imagens *roubadas* de outros poemas e poetas. Dá-se o entendimento que a voz que pretenda anunciar a cidade deva ser concernente, contemporânea e equivalente à própria cidade, ao seu tempo e seus modos. O poeta ou “estilo” apresentado no poema **Rua Carioca 1993** não corresponde ou não reúne competências para cantar a rua, a cidade. Intrinsecamente, de modo avesso, revela as competências necessárias para cantar o espaço cidadão.

As cidades reúnem vários determinantes provocados pelo tempo, processos produtivos, modos de ocupação territorial, de habitação, de comunicação e traslado que definem sua dinâmica e extensão, seu tamanho e perfil. São tessituras que estabelecem diferenças e similaridades entre os centros urbanos:

Na cidade-escrita, habitar ganha uma dimensão completamente nova, uma vez que se fixa em uma memória que, ao contrário da lembrança, não se

dissipa com a morte. Não são somente os textos que a cidade produz e contém (documentos, ordens, inventários) que fixam esta memória, a própria arquitetura urbana cumpre também este papel.

O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. Rolnik, 1995: p. 16-7

Em movimento recíproco, a poesia vai reescrevendo a cidade, vai transformando os objetos, os símbolos oferecidos pela cidade ao longo dos diversos momentos de sua história, qualquer que seja ela. Seria mais exato dizer que a poesia transporta para a escrita o mundo urbano, visto que este ato é primordial do texto poético:

Na Atenas contemporânea, os transportes coletivos se chamam *metaphorai*. Para ir ao trabalho ou voltar para casa, toma-se uma “metáfora” – um ônibus ou um trem. Os relatos poderiam igualmente ter esse belo nome: todo dia, eles atravessam e organizam lugares; eles os selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços. (...) Com toda uma panóplia de códigos, de comportamentos ordenados e controles, elas regulam as mudanças de espaços (ou circulações) efetuadas pelos relatos sob forma de lugares propostos em séries lineares ou entrelaçadas: daqui(Paris) a gente vai para lá (Montargis); este lugar (um quarto) inclui outro (um sonho ou uma lembrança); etc.(...) Entre muitas outras, essas observações apenas esboçam com que sutil complexidade os relatos, cotidianos ou literários, são nossos transportes coletivos, nossa *metaphorai*. (Certeau, 1994: p.199-200)

O que dizer do texto que almeja extrapolar sua condição primordial de invento literal, invento pela palavra, de criação poética, de reunir em torno da palavra recursos lingüísticos que representem o mundo? Para além de ser apenas metáfora, ser o próprio transporte da cidade? Talvez não com esta propriedade, mas é o que intenciona os textos **Poema Jet-Lagged** e **Janela de Marinetti**. O texto será o transporte para as cidades e pelas cidades. No primeiro texto, o **Poema Jet-Lagged** (numa tradução literal seria *vagaroso avião a jato* ou simplesmente um *jatinho*), o eu lírico compõe, num possível vôo executado por este transporte, uma ação paradoxal: viajar e ficar; viajar ou ficar na cidade:

Viajar, para que e para onde,
se a gente se torna mais infeliz
quando retorna? Infeliz
e vazio, situações e lugares
desaparecidos no ralo,
ruas e rios confundidos, muralhas, capelas,
panóplias, paisagens, quadros,
duties free e shoppings...

(...)

Mas ficar, para que e para onde,
se não há remédio, xarope ou elixir,
se o pé não encontra chão onde pousar,
embora calçado no topatudo inglês

(...)

Se viajar é a única forma de ser feliz
e pleno?

e propõe que mesmo diante da dúvida irônica causada pela sedutora cidade:

– *Indique-me sua direção, onde você se encontra agora?*

– *Estou exatamente na esquina da Rua Walk com a Rua Don't Walk.*

só a escrita é capaz de reunir contextos tão dispares, trazer o extraordinário, as coisas fantásticas ou fora do cotidiano, porque essas são as que atraem a atenção, não bastando ser apenas diferentes devem transformar o cotidiano, dar-lhe caráter de fantástico. O eu poético é um *Marco Pólo* transeunte das metrópoles, revelador da impossibilidade dos objetos extraordinários, só por ele captados, pois “*Escrever é se vingar da perda. / Embora o material tenha se derretido todo, / igual queijo fundido.*” Mesma característica presente em **Janela de Marinetti**, quando afirma:

para todo sempre confino
o registro da palavra *rotina*
com o vento e a chuva
com o plúvio e o pneuma
marchetados no registro

da palavra *enigma*.

Na poesia **Janela de Marinetti**, de Waly Salomão, percebe-se que palavra e sentido, “esta junção de incompreensibilidade e de fascinação pode ser chamada de dissonância, pois gera uma tensão que tende mais à inquietação que à serenidade” (Friedrich,1991: p.17), transporta uma desordem representativa de reorganização das idéias, da vida e do convívio com o território particularmente urbano, não apenas da cidade de Jequié – seu cenário efetivo – mas de tantas outras cidades, sejam elas num estágio embrionário ou das megalópoles emergenciais.

Janela de Marinetti, poesia de Waly Salomão, analisa o ângulo e grau em que estão sendo observadas as vivências que tantos outros poderiam observar e se amplia, como acentua Adorno, porque assim o deve ser, “pois o conteúdo de uma poesia não é somente a expressão de motivações e experiências individuais. Estas, porém se tornam artísticas apenas quando, precisamente em virtude da especificação de sua forma estética, adquirem participação no universal.” (ADORNO, 1980: p. 201). O que representa não somente a cidade do passado íntimo, pessoal, da *infância desterrada*, mas também lembra as cidades presas em outros tempos, as cidades muradas, das grandes muralhas, fortificadas pelas panóplias, com suas catacumbas e rotas de fuga, com suas “pontes”, “funicular”, “teleférico”, do “arranha-céu de vidro”, “estações megalivrrarias bouquinistes”, “bistrôs”, “cinemas”, lugar em que “Alta cozinha e junk-food alternam-se.” ou dos *objetos* que unem os homens, sejam pelas torres de celular ou pelas igrejas catedrais.

Waly constrói cidades, através de sua poesia, que não se apresentam novas, se observarmos deste atual momento histórico. Porém, nos oferece condições de refletir sobre *o ser cidade*, que nos imprime “*seus espetáculos, sua arquitetura, trajés e tradições*” para uso futuro, “*como quem aperta um botão da mesa/de uma ilha de edição/ e um deus irrompe afinal para resgatar o humano fardo.//Corrigindo:/o humano fado.*”

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ADORNO, T. W.. 1980. “Lírica e Sociedade”. (Trad. Grumnewald, J. L.) In ADORNO, T. W *et. al. Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural.

BOSI, Alfredo. 1994.*O ser e tempo da poesia*. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras.

- CERTEAU, Michel. 1994. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis. Rio de Janeiro. Ed. Vozes.
- CALVINO, Ítalo. 1990. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FRIEDRICH, Hugo. 1991. *A estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades.
- ROLNIK, Raquel. 1995. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense.
- SALOMÃO, Waly. 1996. *Algaravias: Câmara de ecos*. Rio de Janeiro Editora: 34.
- SALOMÃO, Waly. 1998. *Lábia*. Rio de Janeiro: Rocco.
- SALOMÃO, Waly. 2003. *Me segura qu'eu vou dar um troço*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.
- SALOMÃO, Waly. 2000. *Tarifa de Embarque*. Rio de Janeiro: Rocco.
- SALOMÃO, Waly. 2004. *Pescados Vivos*. Rio de Janeiro: Rocco.